

FH e a classe média

Há setores do Governo — palacianos, precisamente — preocupados com o apoio do presidente na classe média. Acham que Fernando Henrique concentrou-se com êxito em sua comunicação com o Congresso, para garantir as reformas, mas deixou sem mensagem este segmento social, afetado pelos juros altos, pelo crediário contido, pela restrição às importações... Já as classes D e E, agraciadas recentemente com o aumento do salário-mínimo, sintonizam uma mensagem semanal através do programa de rádio "Palavra do presidente".

O que fez piscar a luz vermelha foram as vaias ocorridas no sábado, dia 3, durante o concerto ao ar livre patrocinado pelo Planalto. Talvez por ser noite e o local mal iluminado, o noticiário foi impreciso quanto à origem das vaias. Mas o próprio Planalto concluiu que não havia cutistas infiltrados na platéia bem vestida que foi desfrutar de um programa raro em Brasília e, ainda por cima, de graça. O que aconteceu ali, diz um conselheiro do presidente, foi diferente das manifestações contra as reformas

promovidas pela CUT. Ele desconta o fato de Brasília ser a meca dos servidores públicos, ameaçados pela reforma do Estado, mas casa o ocorrido com resultados de pesquisas que apontam declínio de prestígio de FH neste segmento. Uma delas, inclusive, apontou maciço entendimento de que a greve dos petroleiros decorreu de intransigência dos dois lados.

Algo será feito. É possível que o presidente faça um pronunciamento dirigido a este público, reconhecendo os sacrifícios por que todos passam, mas apontando um horizonte melhor. Nessa história entra também o esforço do PSDB para mostrar a face social-democrata do Governo, nublada pelo jogo duro com os petroleiros e pelo traço neoliberal das reformas.

— Até aqui cumprimos a agenda do PFL, agora começará a agenda do PSDB — diz o tucano Arthur Virgílio.

— As reformas não são um fim em si mesmo. Com elas teremos recursos para implantar as políticas sociais do PSDB — faz eco o deputado Antônio Kandir.